

Secretario da Redacção  
DR. CONSTANTINO CUMANO

Editor  
MARIO BRANCO

Composto e impresso na  
TIP. REGIONAL EDITORA, L.<sup>a</sup> — FARO

# A IDEIA REPUBLICANA

SEMANARIO

Director: DR. ANTONIO AGOSTINHO

ADMINISTRADOR  
MARIO RIBEIRO BENTO  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Praça Alexandre Herculano, 26  
Propriedade do Grupo Editor de  
«A IDEIA REPUBLICANA»

## AQUI PARA NÓS

### Sinais dos tempos

O filho mais novo do rei de Inglaterra deixou o cruzador em que andava embarcado trocando a gloriosa farla de marinheiro por uma manga de alpaca em qualquer secretaria do Ministério dos Estrangeiros.

Sinal dos tempos: um príncipe duma grande nação vê que pôde tão bem servir a Pátria manejando uma espada como empunhando uma pena, o que nos dispõe a acreditar nesta afirmação ousada dum filosofo pataqueiro, numa festa a Nuno Alvares Pereira: «Se o Santo Condestabre viesse hoje a Portugal, o seu imenso amor pátrio havia de levá-lo a pôr de lado o montante para empunhar uma vassoura...»

E talvez não carecesse de menor heroísmo...

### Acusações infundadas

O general Ludendorff acusou, publicamente, o joalheiro Spart de fazer espionagem ao serviço da França. Não podendo provar a sua acusação, o general foi condenado na multa de 800 marcos ou, se o preferisse, em dez dias de prisão.

Ficaram sabendo assim os generais alemães que lhes pode ser mais prejudicial usar sem razão uma lingua comprida do que uma espada valente...

Se esta maneira de proceder fosse adotada entre nós, talvez o imposto de salvação publica não fosse necessario e o Aljube pudesse ter uma diferente applicação...

### Procição do Enterro

Ao contrario do que por aí corria, sempre se realizou a procição do Enterro do Senhor, exactamente como nos anos anteriores, apenas com a substituição dalguns dignatários, possivelmente atingidos pela recente lei do limite de idade...

### Um macaco feliz

Uma rica americana, sem filhos, tinha um macaco em grande estimação.

Falecida há pouco, deixou-lhe em testamento a importante quantia de dez mil dolares — o que deve ter feito crescer muita agua na boca aos executores do testamento e muita hesitação na maneira de effectivar o legado.

Quanto a nós, esta ultima parte é facil resolver: Mete-se o macaco no jardim Zoologico e atira-se lá para dentro com o linheiro, em notas... a embrulhar bananas.

### O Eterno Cupido

Segundo diz «O Seculo» de 31 de Março, na correspondencia do Porto, uma religiosa que fazia serviço no hospital do Carmo daquela cidade «desapareceu ao mesmo tempo que teve alta um doente da sua simpatia, tendo trocado assim, voluntariamente, a sua vida de contemplação divina pela do amor profano».

Uma noticia desta natureza faz-nos apenas lembrar a razão duma quadra, que ouvimos muitas vezes:

Senhora que vai passando  
Faça favor de não rir  
Que até no mais fino pano  
Pode uma nódoa cair.

### Pecundidade

Ali no sitio das Pontes, uma pobre mulhersita que já tinha oito filhos, teve agora mais três dum só parto.

Em muitos países da Europa, uma mãe tão fecunda como esta, receberia um prémio.

Em Portugal porém, pode apenas manifestar-se-lhe a nossa mais sincera admiração e dizer mais ou menos seriamente: «Dá Deus dentes a quem tem poucas nozes...»

# A CONSTITUIÇÃO

A lei é igual para todos, mas só obriga aquella que lôr promulgada nos termos desta Constituição.

ARTIGO 3.º, § 2.º

Neste dilúvio de estupidez que tem sido a vida em Portugal nos últimos tempos, uma ideia insólita tem sido gritada aos quatro ventos pelos inimigos da República e reformadores de café: «Que a constituição não pode ser objecto de culto e não merece ser defendida como nós a defendemos.» Para estes discípulos do ministro alemão ela é também um pedaço de papel que, como alguns maus republicanos dela se esqueceram por vezes, ou a não seguiram exactamente, devemos deitar no caixote do lixo.

O raciocínio, se nuns revela falta de miolo, noutros não pode deixar de ser maquiavélica premeditação. Chegou o impudor a esta quinta — essência. Admiti-lo o mesmo seria que fazermos-nos todos ladrões porque há em Lisboa alguns janiceiros.

Se má ou inadaptável á nossa cultura e costumes, a lei fundamental da República, o que honestamente temos de fazer, dentro das normas constitucionais que nos regem e devemos respeitar, é melhorá-la no sentido de ser o seu cumprimento coisa fácil e voluntária.

Eu pergunto se alguém já viu qualquer sociedade sem estatuto, sem regras, sem normas de funcionamento, e se o arbitrio de uma dúzia pode legitimamente prevalecer sobre a vontade do maior número e impor-se como lei. As mesmas quadrilhas de ladrões não podem manter-se e executar o

seu trabalho sem que todos os socios cumpram as combinações estabelecidas e acoitadas. O mais simples jogo não é possível logo que os jogadores não respeitem as regras. Aqui mesmo junto á janela do escritório em que estou escrevendo costuma juntar-se um bando de garotos que se entregam todo o santo dia, com incómodo e admiração minha (não sei quantos momentos os pais lhes destinam ao estudo) aos mais variados jogos. Pois bem, quando algum deles se lembra, para proveito próprio, de infringir as regras combinadas, ouço logo, em altos berros, todos os outros gritarem: «Trafulha, Trafulha!» Na verdade este é um país de trafulhas, de trafulhas natos. Não agravemos por isso o mal, os que de cima devemos dar o exemplo, transformando o desrespeito pela lei em coisa admissível e defensável.

Esses senhores que aceitam a possibilidade de um povo ser governado por longos anos sem que uma lei orgânica esteja constantemente lembrando em que sentido cada um tem de cumprir os seus deveres e de que maneira pode gosar os seus direitos, que pensariam dum homem que os convidasse para uma partida de bridge dizendo-lhes: «Mas vamos jogar sem regras.» Sem regras? Este homem endoideceu. E lá possível jogar um rubber de bridge sem regras? Como há pois quem admita que uma socie-

dade de milhões de almas, com mil necessidades e ambições e ideais a satisfazer, com grandes e complexos interesses, possa viver, mesmo por poucos meses, entregue á vontade, ao capricho sem entraves de um insignificante número dos seus membros?

¿A nossa Constituição necessita de ser reformada adaptada ao nosso país e á nossa gente? Também assim penso. Penso que as facilidades de dissolução parlamentar e de apelo para a opinião da nação devem ser maiores, que os delitos contra a Constituição deve ser automaticamente punidos, e muitas coisas mais, inuteis de aventar aqui, que eu não sou nenhum poder do Estado, nem Solon, nem Locke, nem sequer Boudmy; apenas um português europeu (há-os berberes, que, tendo sempre assistido contristado ao regafofe politico, desejando o seu país um dia em paz e de braço dado com as nações cuja obra civilizadora faz uma parcela da satisfação da consciência humana.

Reformemos, pois, quanto antes a nossa Constituição, mas para a respeitarmos. Não temos o direito de pedir aos outros juramento de respeito áquilo que nós proprios não cumprimos. Desacreditemos os Freis Tomás e restabeleçamos o império da lei. Só dentro dela poderemos construir o Portugal moderno.

Sebastião da Costa.

## José Caldas e a sua sombra

Mantemos integra a nossa admiração por José Caldas, velho democrata, erudito propagandista que consumiu uma vida inteira na apostolização de ideias liberais. Só nos merece piedade e respeito a dôr cruciante que o afastou da vida. Ele proprio confessou que já não existe. A apostasia — se apostasia houvesse — não seria de José Caldas, mas a da sua sombra, palida e desfigurada expressão do homem que durante meio seculo trabalhou pela Liberdade e pela Republica. Piedade, respeito e silencio, para que ninguém perturbasse o amargo drama da sua consciencia.

Silencio não o consentem as allurjas da reacção. Seguindo a velha tactica de se vingarem dos seus mais valiosos inimigos pela glorificação da apostasia, trouxeram para a arena da praça a velhice decrepita do homem que tanto fustigou os seus crimes, atirando-o como gato morto á cara dos seus antigos companheiros de luta.

Pouco importa a defeccção da sombra de José Caldas. O que vale, como passo dado no caminho da emancipação das consciencias, é a sua obra, é o seu ataque eloquente, documentado, á influencia torva e sinistra da reacção clerical. Ele proprio, talvez adivinhado o laço que um dia os seus adversários lhe deviam armar, escreveu num livro:

«É indifferente saber quem fala; o que importa é que o brado duma consciencia não emudeça. Na reivindicacção das grandes fontes da Verdade, não ha urgencia em conhecer nomes.»

A demonstração feita por José Caldas á face da Historia, de que a acção do jesuita na sociedade portuguesa provocou a ruina e o descalabro moral da nação, não se refuta com meia dúzia de larachas sobre D. Pedro e liberalismo, rebuscadas, de resto, no desmantelado e gasto arsenal dos combates miguelistas.

Lançar injurias sobre homeus da Republica não destrói o que José Caldas escreveu sobre catolicismo, que ele justamente classificava de «cambalismo catolico, apostolico, romano.» Como não prova que esse cambalismo deixasse de substituir «o anatema pelo punhal, a discussão pela fogueira e a critica pela Inquisição». Subsistem os factos historicos que apoiavam as afirmações de José Caldas. Que a sua sombra os elimine do conhecimento dos homens, se é capaz... Porque são de José Caldas estas palavras, escritas ha trinta anos:

«Quem actualmente depõe com maior energia contra a negra milicia de Loyola no tribunal da Historia, é muito menos a voz apaixonada dos seus destractores sistematicos, que o rasto verdadeiramente satânico das suas acções. Mais eloquente é, pois, o testemunho vivo e lugubre dos povos que os jesuitas dia a dia, hora a hora, estão reduzindo á miseria moral mais ultrajante, que todas as brochuras do tempo de Voltaire, todos os libelos pombalinos, todas as acusações dos controvertistas mais apaixonados, todas as satiras mordentes de Pascal.»

Esse testemunho apontou-o José Caldas com mão de mestre, narrando factos, coligindo textos, provando como sempre na vida dos povos a influencia clerical foi origem de crimes e devassidão. Ele não ignorava que a reacção tem defensores. Já então havia «apostasias, transfugas, desertores dos velhos arraiais democraticos», que iam para a imprensa exercer a sua função á custa de estupidios infames». Ele proprio os indica, por essas palavras, á condemnação da consciencia publica.

De «O POVO»

## CHÁ DE CARIDADE

No próximo domingo, realiza-se no Club Farense em benefício da Cosinha Económica, um chá dançante que, como todos os desta natureza, deve ser imensamente concorrido.

## Serões da provincia

Saiu no ultimo domingo o primeiro número desta annunciada revista, órgão dos estudantes olhanenses.

Dirigida e redigida por alguns rapazes que são ótimas promessas, o seu primeiro número é bastante interessante.

Se não receássemos que os afazeres jornalísticos prejudicassém, não muito, a vida escolar dos novos que tomaram sobre os ombros tão pesada tarefa — desejaríamos aos «Serões da Provincia» a mais longa vida.

## Praça de touros de Faro

Vão já bastante adiantadas as importantes obras de reparações e melhoramentos da Praça de Touros de Faro, de que é proprietario e empresario o sr. Manuel Santo. Não poupando despesas a fim de proporcionar á aficção farense optimas corridas, aquelle sr. já firmou contractos com os melhores toureiros e já tem escolhido, no Ribatejo, um excelente curro duma das mais afamadas ganadarias. Contando fazer a inauguração da época no próximo dia 21, o sr. Manuel Santo regressou há pouco de Lisboa, onde o sr. Afonso de Mascarenhas ficou ultimando todos os assuntos.

Bons impressos? So na Typografia Regional Editora.

## 9 DE ABRIL

Comemorando a data histórica de 9 de abril de 1918, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra nesta cidade, promove um espectáculo cinematográfico e de variedades, no Cine-Theatro, abrihantado pela banda de caçadores 4, na próxima terça-feira, cujo producto rverte a favor do cofre de pensões da mesma Liga. E' de crer que, atendendo aos fins do espectáculo, ele seja imensamente concorrido.

## Florinhas do Sul

No dia 1 do corrente realizou-se a annunciada exposição dos trabalhos executados durante este ano pelas pupilas desta simpática instituição.

Obra excelente, devida á filantropia duma comissão de bondosas senhoras, ela bem merece o auxílio dos que podem e o carinho de todo o público.

Notas internacionais

## O PROGRAMA POLITICO de «El Sol»

A Espanha atravessa uma crise política que se pôde, sem que isto re-presente o mínimo pessimismo, clas-sificar de grave. Essa crise, de que a revolta dos artilheiros, a questão uni-versitária e a queda da peseta são os mais visíveis sinais externos, tem causas tão complexas e directrizes tão pouco conhecidas que é quasi im-possível falar dela com seguro conhe-cimento de causa.

Por isso limito-me, por agora, a de-sejar sinceramente que essa crise po-lítica tenha uma solução tão rápida e feliz que os seus efeitos se não fa-çam sentir já por ocasião da abertura das exposições de Sevilha e Barce-lona.

Este meu desejo não é condiciona-do por qualquer preocupação política mas simplesmente pela grande sim-patia que tenho pela Espanha.

Chame-me muito embora a «Socie-dade 1.º de Dezembro» um mau patriota, eu acho que todos os portu-gueses deviam olhar com mais sim-patia e atençã a Espanha e as coi-sas de Espanha.

A actual crise espanhola só me in-teressa hoje por uma das suas man-ifestações que, pela retumbância que teve na opinião pública da nação vi-sinha, terá, à falta de melhor, o as-sunto destas notas. Refiro-me ao pro-grama político publicado pelo grande diário liberal «El Sol». Já a publica-ção desse programa é uma coisa de louvar e imitar. «El Sol» é hoje um dos grandes órgãos da opinião es-panhola, com uma decisiva influênci-a nos meios liberais. Mas não estando «El Sol» filiado em nenhum dos anti-gos partidos políticos, não se sabia ao certo qual o programa político que nesta altura da crise constitucional êle preconizava.

Dizia-se que êle recebia as inspi-rações do Conde de Romanones e de Melquiades Alvarez. Mas isto era va-go e incerto e «El Sol», ponderando bem as suas grandes responsabilida-de orientador da opinião pública, considerou-se na obrigação de dizer cla-ramente aquilo que preconiza em ma-téria de princípios políticos e de re-formas constitucionais. Este exemplo devia de ser seguido por certos gran-des órgãos da imprensa portuguesa que até hoje tem vivido numa cômo-da mas intolerável situação de «bem com Deus e com o Diabo».

Não farei aqui a crítica do progra-ma político de «El Sol». Para o fazer era necessário que os meus dois lei-tores o conhecessem. E êle não teve ainda na imprensa portuguesa a ex-pansão que merecia ter. Limitar-me-hei, simplesmente, a mostrar qual é a sua orientação geral nalguns pontos que mais nos podem interessar.

O programa de «El Sol» é talvez exageradamente eclético. E essa acu-sação foi-lhe feita por vários jornais espanhóis. Mas mesmo no seu ecletismo o programa de «El Sol» tem uma parte do seu mérito. Assim é que, fundamentando-se nos princípios liberais, democratas e entendendo-os como êles foram entendidos pelos li-berais do século XIX, «El Sol» dá no seu programa uma larga parte a idéias políticas que modernamente agitam as novas gerações: sindicalismo (compreende-se «sindicalismo-lé-cnico» e não o «sindicalismo-revoluc-ionário») socialismo, regionalismo e autoritarismo.

Esta orientação parece-me lógica e necessária. O grande êrro dos li-berais-democratas do nosso tempo está, creio eu, em considerarem imuta-veis os princípios de 89, vindo assi-m a cair no mesmo dogmatismo po-lítico que êles criticam nos reacioná-rios.

Da revolução francesa para cá o mundo tem caminhado imenso, quer no desenvolvimento material quer nas aspirações espirituais. Querer aplicar às sociedades modernas o figurino ta-lhado pelos Desmoullins e pelos Ro-bespierres, é estúpido e, principalmen-te, perigoso. E digo perigoso porque se a democracia-liberal alistar de si as novas correntes do cooperativismo, do socialismo e do regionalismo, clas-sirão engrossar a massa dos seus ini-

# Carta a um Prégador

Ex.º e Rev.º Senhor:

Não tenho, infelizmente, o prazer de o conhecer e, apesar disso, venho dirigir-lhe esta carta.

E' que, pelo que infiro do V. bri-lhante sermão de Sexta-feira Santa, V.ª Rev.ª deve ser um destes con-hecimentos apetecíveis, uma destas creaturinhas agradáveis, cheias de erudição e modéstia, de paciência e ironia, açucarando com o risito mais doce a verdade mais amarga, exprimi-mundo com a frase mais leve a idéa mais pesada.

Assim, nestas tardes amenas, deve ser delicioso surpreendê-lo, no final da merenda, e levá-lo, de estômago consoladinho, por essas ruas lórea, a ouvi-lo discorrer, pachorrentamente, sobre as coisas do ceu e as coisas do mundo. E' que V.ª Rev.ª há-de ser ótimo, a falar, à vontade, sobre todas as coisas — a arte e a sciência, o passado e o presente, os pontos mais profundos da Sagrada Teologia e os arranjos mais picantes do Manual do Cosinheiro.

Conhecendo, firme e claramente, todas as manifestações do espirito humano, durante a sua já longa e cruciante história, sabendo, minucio-samente, as condições materiais e morais em que o homem tem vivido desde que deu os primeiros passos em sociedade — V.ª Rev.ª deve ter poderosas e inéditas razões para afir-mar, como brilhantemente o fez na-quele douto sermão de Sexta-feira Santa, que nós, afinal, não precisamos de progredir nem de parar na via do-lorosa em que temos seguido. Muito pelo contrário até, segundo a V. es-clarecida opinião, nós precisamos ape-nas de recuar.

Para que tempos, para que época, não o disse V.ª Rev.ª, embora tenha falado entusiasticamente da música de Verdi e dos sermões de Vieira, da eloquência de Cícero e das maravi-lhas da Grécia, da filosofia de Platão e dos heroísmos dos «lusos valorosos».

De forma que os vossos ouvintes ficaram sem saber, se o recuo defen-dido devia chegar só às saias de balão ou continuar até aos tempos em que os deuses andavam pelos bosques, taunos e ninfas a banharem-se nas fontes, passando sobre as épocas em que a Santa Inquisição fazia tremer os Copérnicos, em que os A'tilas des-truíam a erva com as patas dos seus cavalos, em que, qualquer antepassado de V.ª Rev.ª só poderia vir, de Evora a Faro, coberto com a pele das suas ovelhas, a alimentar-se com o mel das selvas, a defender-se com os machados de sílex e a caminhar sobre a lombreira incômoda de qualquer pileca, se não preferisse fazê-lo ape-nas... sobre os próprios pés.

Mas V.ª Rev.ª deve ter razão. A humanidade de hoje, que pode refastelar-se com toda a beleza do Passado e confranger-se com toda a sua miséria, que possui o avião e o paquete, a rádio-telefonia e o com-boio, que, pelos meios defensivos ao seu alcance, quasi só pode ter receios de si própria — a humanidade de ho-je carece de recuar na senda áspera que tem trilhado.

Porquê? Porque V.ª Rev.ª o disse, cons-cienciosamente e sentidamente, ma-gado talvez com o facto de, out-ro-ra, «Cristo» fazer milagres para matar a fome ao povo, ao passo que os democratas de hoje fazem milagres para matar o povo à fome!

Ex.º e Rev.º Senhor: Se em vez de ser um ignorante rabiscador dum modesto semanário, um tudo-nada ir-reverente e presumido, eu fosse um Douto Cônego bem instalado na vida e tivesse de fazer, a público desco-nhecido, um sermão de Endoenças — eu não me orientaria, nem que a isso

migos e darão, na sua forma revoluc-ionária, lugar ao nascimento de pe-rigosos movimentos anti democráticos, no género do bolchevismo ou do fas-cismo.

A única atitude lógica e intelligen-te é pois apropriar-se dessas grandes correntes do pensamento político mo-derno, dando satisfação às suas justas reclamações e evitando assim que elas se lancem no caminho revolucionário.

E' isso o que faz o programa poli-tico de «El Sol».

C. C.

me quizessem obrigar, como V.ª Rev.ª se orientou.

Em vez de mostrar, aos meus ou-vintes, o meu espírito e a minha eru-dição, eu pretenderia apenas fazê-los sentir os males antigos e modernos, combatendo-os com todas as minhas facultades — no intuito de que os bons se tornassem melhores e os maus, to-cados da minha sinceridade, se arre-pendessem pelo menos um momento.

Assim, ninguém ficaria a supôr-me um padre erudito, como há muitos, mas simplesmente esta coisa mais alta e mais difícil: um padre bom.

E era tão fácil, a propósito de Cris-to — «consolar os tristes e emendar os que erram!»

Sim, Rev.º Senhor: Cristo subindo o Calvário, tomando o fel e o martí-rio daqueles que queria salvar, há de ser o Eterno Símbolo consolador de todos os tristes e animador de todos os que sofrem por amor do próximo, dos que dizem aos homens — «sede melhores porque para vós o sereis» — e dos que tem de embeber no pró-prio sangue a esponja que lhes miti-gará a sede.

Para todos esses que vão arrastan-do, na íngreme ladeira da vida, a pe-sada Cruz da insensatez dos que os cercam, Jesus, ha-de ser sempre o Deus — Perdão, o Deus-Justiça, o Deus-Amor — que perdoava aos próprios al-gôses, expulsava os vendilhões, ben-dizia os desgraçados — e encontrou, na cruz mais infamante, o degrau mais alto e luminoso da Glória.

Porque não praticais o bem? Porque não combateis o mal? Porque não amais o próximo como a vós mesmos?

Era assim, Rev.º Senhor, que eu orientaria o meu sermão de Endoen-ças, por maneira a fazer *cristianismo* na Igreja e a tornar mais *cristãos* os católicos que a frequentam.

Cristianizar a Igreja, Rev.º Senhor — eis uma obra digna de todos os pa-dres, daqueles que preferem merecer a devoção que rodeia o P.º Cruz, à admiração que por certo vos cerca.

Se V.ª Rev.ª assim pensasse, não teria, talvez, os interessantes troca-dilhos que fizeram o pasmo de mui-tos, e levaram uma pobre velhota da minha terra a insultar, á chegada, o cura da freguesia, por dizer que Je-sus era o maior democrata.

«Como se democrata não quizesse dizer *filho do demonio*...»

E por esta opinião que V.ª Rev.ª insinuou sobre os democratas, passou o bom do meu prior um péssimo quarto de hora, o que não deu muito prazer ao

Seu V.º e Adm.º  
José Mendes

## «AFRICA MISTERIOSA» POR JULIÃO QUINTINHA

Acabamos de receber mais esta nova produção do nosso ilus-tre comprovinciano e velho ami-go.

Merecendo-nos o autor mais que simples palavras de elogio, vamos lêr o seu livro com todo o cuidado, afim de podermos dizer sôbre êle a nossa verdade, que, de antemão o declaramos, deve constituir mais um incitamento para o seu notavel espirito.

Julião Quintinha é já hoje um nome de destaque nas letras por-tuguesas. Pertencendo ao nú-mero limitadissimo dos autodia-tas conscientes, norteado unica-mente pela ânsia do saber, Julião Quintinha tem conseguido um apertecimento notavel para o seu espirito de artista, atravez do qual toda a natureza se de-senvolve quer em delicadas sin-gulezas, quer em explosões fogo-sas do seu temperamento de me-ridional.

Desde já o felicitamos entu-siasticamente e aqui lhe deixamos, mais uma vez o dizemos, a promessa de lhe transmitirmos ainda mais entusiasticas felicita-ções quando tivermos lido a «Africa Misteriosa».

## EDUCAÇÃO E ENSINO

Não ensineis aos outros coisas que os não interessem e que não possam compreender

Vauvenargues

II

### A Escola Unica

Continuando a exposicão prefacial desta matéria, acrescentaremos ainda que, sob o ponto de vista da cultura, nos países do livre-exame, onde a li-berdade de consciência está absoluta-mente garantida, a percentagem do analfabetismo não excede *dois por mil* ao passo que nos países enfeuda-dos á Igreja romana essa percenta-gem vai desde *quinze por cento* na Itália até cerca de *setenta por cento* em Portugal. Há entretanto que abri-r uma excepção para a Belgica, onde a percentagem não excede cinco por mil. Como se justifica essa excepção?

Nós justificamo-la, com o facto da sua visinhança de países de livre exame, tais como a Holanda (2/000) e a Alemanha (0,5/000).

As democracias actuaes só poderão estabilizar-se e progredir com a de-mocratização do ensino.

Isto significa unicamente que todas as crianças, a partir dos sete anos e até aos doze, devem receber o mes-mo ensino, em escola do Estado, in-dependentemente das condições ma-teriais das famílias. E' evidente que só tratamos aqui das normais. Tem pois as crianças que frequentar a mesma escola durante cinco anos. Dada a insuficiência dos pais para educarem os filhos, está naturalmen-te indicado que êles se conservem na escola a maior parte do dia. Para isso, é indispensavel, como fácilmen-te se compreende, que a escola tenha atractivos e que seja confortavel, ou que as crianças achem nela pelo me-nos tanto conforto como tem na ca-sa paterna.

Durante estes cinco anos, há mui-to tempo para lhes ensinar muitas coisas uteis sem que para isso se tor-ne necessário exigir-lhes um grande esforço.

O que se lhes há-de ensinar? O que está naturalmente indicado: a lêr, a escrever e a contar.

O trabalho todo está em saber co-mo tal ensino tem que ser ministra-do. O que se nos afigura racional é que o ensino devia ter como ponto de partida os jogos, ou doutra forma dito, que o ensino pudesse constituir uma continuação dos jogos de modo tal que á própria criança pudesse pa-recer tambem um desenvolvimento deles.

Então não é possível, por exemplo, ensinar assim a geografia?

E as sciências naturais?

Um pouco de boa vontade basta-ria para achar o processo e applicá-lo.

De resto além destas duas maté-rias a criança teria que aprender a língua materna, a aritmética e mú-sica. A indispensavel educação física teria, quanto possível que derivar dos próprios jogos, assim como os traba-lhos manuais, procurando o professor, por uma fiscalização cautelosa de to-da a actividade escolar, conhecer as aptidões de cada aluno. Seria pois desse trabalho de fiscalização que derivaria, para cada criança, a conti-nuação do seu estudo quer para a es-cola secundária quer para a escola elemental de comércio ou industrial onde ela se conservaria até aos dezas-sete anos, donde finalmente derivaria quer para as escolas tecnicas supe-riores quer para as universidades, ca-recendo entretanto para isso duma preparação mais cuidada que faria durante dois anos de curso comple-mentar na escola secundária.

De todo este ensino, o ministrado até aos doze anos seria obrigatório e gratuito.

O preferivel seria que êle o fosse tambem até aos dezassete anos. Entre-tanto, em conformidade com as infor-mações do professor, o Estado ficaria na obrigação de conceder o ensino gratuito a todos os rapazes, os quaes tivessem evidenciado qualidades superiores de intelligência e de apli-cação, desde que os pais não tivessem recursos que lhes permitissem a continuação dos seus estudos. Isto, está bem de ver, não suprimia aos pais ricos a faculdade de satisfaze-rem o capricho de quererem os fi-lhos altamente diplomados.

De modo nenhum. O que teria-mos era que pagar por muito dinheiro o luxo de um bacharelato na familia.

Tal como está organizado, o nosso

## RUA DA MISERICORDIA

A propósito do que no últi-mo número aqui escrevemos, chaniando a atenção da Comis-são Administrativa da Câmara Municipal para o miseravel es-tado em que esta rua se encon-tra, recebemos várias cartas de leitores.

Pedem-nos que chamemos tambem a atenção da Câmara para o estado de muitas outras ruas, em nada superior ao da Misericórdia e um deles lem-bra-nos, e muito razoavelmen-te, que o «saneamento da ci-dade deve estar primeiro que o embelezamento...» Custa com-preender que a Câmara tenha dinheiro para fazer a obra lou-vavel de ajardinar tantos lar-gos, não o tendo para a obra indispensavel de arranjar os cânos de esgôto e os pavimen-tos...»

Aí ficam os pedidos que, es-tamos certos, não cairão «em cêsto rôto», ao contrario do que afirma outro leitor.

### Excepção inexplicavel

De todos os funcionários ci-vis acusados de tomarem parte no movimento de Fevereiro de 1927, apenas um continua des-ligado do serviço. E' o Sr. Car-los da Silva Paulo, fiscal da Bolsa Agricola.

Não comentamos.

## Jantar e Baile

O jantar dançante que no Do-mingo de Pascoa se realizou no Grande Hotel, foi imensamente concorrido pela sociedade ele-gante de Faro, tendo durado até às 23 horas, sempre com a maior animação.

A bela disposição e iluminação da sala e o esplêndido serviço de mesa fizeram com que todos saíssem com as melhores impressões.

Por isso no Domingo de Pas-coela as salas do Grande Hotel devem estar cheias, marcando-se já lugares para o jantar desse dia e havendo o maior entusiasmo por esta diversão que veio con-tribuir para a sociedade elegante de Faro marcar, mais uma vez, a sua distincão e bom gosto.

### Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Agencia de Faro

CONVITE

Devendo ter lugar no próximo dia 9 de Abril, na Sé de Faro, pelas 9 e meia horas, uma missa, por alma dos mortos na batalha de La Lys, rezada pelo Ex.º Prelado desta Diocese, vem esta Agência con-vidar a assistir á dita missa os habi-tantes de Faro, prestando assim ho-nragem aos que se sacrificaram pela Pátria, o que muito agradece.

Faro, 22 de Março de 1929.

O Presidente da Direcção,  
José Joaquim Pacheco  
Major

### Empregado

Para armazem e viagem precr-sa-s. Carta a esta redacção ás iniciais F. S.

ensino, por maior que seja a nossa benevolência a analisá-lo não se nos afigura capaz de democratizar esta nossa república.

Terminaremos no próximo número apresentando um alvitre de retorma que de certo a ninguém aproveitará, pois que os que poderia interessar nada podem e aos que tudo podem não conseguimos nós despertar o menor interesse.

D.

## NOTÍCIAS DE "A IDEIA"

Vimos em Faro na última semana o Sr. Coronel Estevão Aguas, antigo Ministro da Guerra.

De visita a seus pais esteve em Faro, com sua família, o Sr. Jaime Leça da Veiga, inspector da Vacuum Oil Company.

Está em Faro o Sr. Dr. Humberto Pacheco, agente de várias companhias de seguros e nosso prezado assinante de Lisboa.

Em propaganda das várias obras de assistência, da iniciativa da Junta Geral do Districto, tem percorrido quasi todas as povoações do Algarve, o Sr. Tenente Caetano de Sousa.

Passa felizmente melhor dos seus incomodos o antigo republicano e nosso prezado assinante, Sr. Dr. Filipe Baião.

Tem estado em Loulé, com sua família, o Sr. Dr. Armando Cassiano, distinto professor do Liceu de João de Deus.

Acompanhado de sua esposa foi passar uns dias a Loulé o nosso prezado assinante Sr. Capitão Adolfo Leopoldo.

Com sua família foi passar a Páscoa a Loulé o Sr. Capitão Manuel Antonio Pereira Milreu.

Esteve em Faro o nosso prezado assinante de Alcoutim, Sr. Francisco do Rosário.

Tem estado em Faro o Sr. Heitor Rolão, antigo gerente em Vila Real de Santo Antonio, da filial da Caixa Geral dos Depósitos.

Foi a Lisboa o nosso bom amigo Sr. Capitão Eduardo José dos Santos.

Vimos em Faro o Sr. Dr. Manuel da Silva Ramos, nosso prezado assinante da Fuzeta.

Foi passar as férias da Páscoa em Tavira, com sua ex.<sup>ma</sup> Esposa, o Sr. Dr. Tenório de Figueiredo, ilustre professor do Liceu de Faro.

Tem estado nesta cidade o Sr. Dr. Antonio Joaquim Moreira Junior, distinto professor do Liceu de Passos Manuel, de Lisboa.

Está em Faro o Sr. Anibal da Silva, importante comerciante em S. Tomé.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado assinante de Salir, sr. Manuel Duarte Cavaco.

Tem passado as férias da Pascoa nesta cidade, o sr. dr. Francisco Mendes do Passo, distinto médico em Lisboa.

Está em Faro o nosso prezado assinante de Lisboa, sr. Pedro Gomes Marques.

## QUEM PERDEU?

Na nossa redacção está depositada uma chave que foi encontrada na Rua Castilho no último domingo e será entregue a quem a reclamar.

## Hospital e Albergue

Como de costume, realizou-se no domingo de Páscoa, o jantar melhorado oferecido pela corporação dos bombeiros municipais aos pobres e doentes do Albergue e Hospital da Misericórdia desta cidade.

BATELÃO-MOTOR  
«RIO TEJO»

Aceitam-se propostas para o fretamento deste batelão para Lisboa ou Porto, a carregar neste porto (4 aguas) em 315 Abril. Trata-se na Agencia Maritima, Ld.<sup>a</sup>, R. de Santo Antonio, 9-11.

## Para tratamento das vinhas

Vendem-se em Faro na nova Casa de Vinhos de J. J. DE SOUSA

—: Rua de Santo Antonio, 34 :—

Os aparelhos necessarios  
para pó e para liquido

: : Preços vantajosos : :

## Tip. Regoanal Editora L. da

Trabalhos tipograficos em todos os generos

RAPIDEZ  
PERFEIÇÃO  
ECONOMIA

Cartões de visita  
desde 6\$00 o cento

Largo Alexandre Herculano

FABO

## Fatos a prestações semanais

SÓ NA ANTIGA

ALFAIATARIA CARAPETO

RUA DE SANTO ANTONIO, 42

—: FARO —:

## FABRICA "LUSITANIA"

Em Vila Real de Sto. Antonio

Vende-se ou arrenda-se esta fabrica, bem situada, pronta a fabricar atum ou sardinha, dispondo de uma superficie superior a cinco mil metros quadrados, com magnifica agua potavel.

Tambem se vende uma soldadura e uma estanhadeira, sistema Sudry, novas, ainda encaixotadas.

Trata-se com o gerente, nesta vila.

## Camara Municipal de Faro

## AVISO

As pessoas ou firmas que desejem utilizar durante o dia, dentro da área desta cidade, o fornecimento de energia electrica para fins de força motriz, ou outros, devem apresentar desde já, nesse sentido, uma declaração na Secretaria desta Camara Municipal, com a indicação do numero aproximado de K. W. a consumir.

Faro, 19 de Março de 1929.  
O Presidente da Comissão Administrativa  
J. Pires Viegas

## VENDE-SE O RETIRO DE S. LUIZ.

Tratar no mesmo com Manuel Carmona.

## PALHA ENFARDADA

Vende José F. da Encarnação, aos melhores preços do mercado, Tavira.

32 É O NUMERO DO  
TELEFONE DA  
CASA PORTUGAL  
(CAMISARIA)Aduelas de Castanho  
Pipas para vinho  
Barris para vinho  
e aguardente. Dornas

Tambem recibo propostas para a venda, já, se convirem as ofertas, da próxima colheita de uvas—cerca de 10.000 cepas. Amendoeiras de umas 300 amendoeiras, figos, azeitonas e diversos fructos.

Alberto Moutinho—Faro

Trato das 12 ás 13 horas e meia e depois das 18 horas. 886

## Fábrica de Moagem e Panificação

VENDE SE em Vila Nova de Caela, a 100 metros da Estação do Caminho de Ferro, com padaria mecanica anexa e várias dependencias que podem servir para outros ramos de negocio.

Trata-se na sede da firma Celoricos, Reis, Brito & C.<sup>a</sup> Ld.<sup>a</sup>, na mesma vila.

## Prensas de ferro

Para azeitona, com 4 colunas, sistema «M-bil». Vende José F da Encarnação,—Tavira.

## Torneiro mecanico

OFERECE-SE chegado ha pouco de França, onde se foi aperfeiçoar na sua arte.

Trata-se com Cabeçadas & Santos, Ld.<sup>a</sup>—FARO.

## ADEGA

Uma das mais afreguezadas de Faro, com vazilhame para 25000 almudes, trespassa-se com muita ou pouca existencia. Facilita-se o pagamento.

Carta a este jornal, ás iniciaes P. J.

## Automovel Oakland

Reparado de novo e pintado, vende Arthur Henrique Parial—FARO.

## BALANÇAS DECIMAES

De 300 e 500 quilos, uzadas, mas em magnifico estado.

Vende José F. da Encarnação. Tavira.

Palha entardada,  
aveia e fava

Vende alguns vagons:

J. M. Vithena

ALVALADE

A. M. PAULA

Cirurgião-Dentista

Rua Conselheiro Bivar, 15 1.º

— FARO —

ALUNAS DO LICEU

Uma ou duas recebem-se em casa de muito respeito. Pedir informações na Rua Belmarço, n.º 37.

## Muita atenção!!

QUEREIS BEBER AS VOSSAS REFEIÇÕES BOM VINHO, PURO, POUCO ALCOOLICO, INOFFENSIVO E SABOROSO? Vendes o tinto ou branco de BUCÉLAS, da acreditada casa João Camilo Alves, Ld.<sup>a</sup>.

VENDE-SE EM FARO NA RUA DE SANTO ANTONIO, 34 (nova casa de vinhos de J. J. DE SOUSA — Telefone n.º 148.

PREÇOS: Tinto — 5 litros 9\$50  
Branco — 5 » 11\$50

—: Dentro da cidade envia-se ao domicilio :—

Lembramos aos srs. Louletanos e Olhanenses as camionetes como bons portadores

## MERCEARIA ALIANÇA

—: DE :—

José Pedro da Silva  
FARO

O melhor estabelecimento  
de mercearias desta cidade

Generos de primeira qualidade aos  
mais baixos preços  
Vinhos e licores das melhores marcas  
O afamado CAFE SILVA

## Samorrinha &amp; Samorrinha, Ltd. da

Deposito de:

## Ferragens

ARTIGOS PARA CONSTRUÇÃO

■ Cimento nacional ■  
■ e estrangeiro ■

Aparelhos completos  
para retretes

MOSAICOS E AZULEJOS

65, Rua do Alportel, 69—FARO

**Vende-se**

Carvão sem cisco a 7\$50 a arroba, pôsto na casa do freguez, desde que seja enviado um simples recado ao largo do Carmo, 39, pois que nós, para evitar quaesquer embaraços aos Ex.<sup>mos</sup> freguezes, mandamos todos os dias um carro pelas ruas da cidade para fornecer V. Ex.<sup>as</sup>.

Carvão ensacado a arroba 7\$00. Petroleo, o litro, 1\$90. Bolas, a duzia, \$60. Cepa a arroba, 3\$00.

A boa pinga? Só no Largo do Carmo, 39.

**JOÃO SOARES VIEGAS**

[Com casa de pasto  
RUA LETES, 29 a 33 — FARO  
Bons vinhos e petiscos

**Vende-se**

Uma casa de moradia terrea, sita na Praça Alexandre Herculano 24 e um amazem na rua da Barqueta n.º 4.

Tratar na rua D. Francisco Gomes, n.º 50 — FARO.

**MANTEIJA DE NANOUPÉ**

A melhor e mais barata do mercado  
Preços especiais para revenda

**Mercearia Carvalho**

LARGO MUNUEL BELMARÇO  
— FARO —

**BARBEARIA EM FARO**

TRESPASSA-SE, afreguezada e em bom local. Diz-se nesta redacção.

**OFICIAL DE BARBEIRO E CABELEIREIRO** oferece-se. Quem pretender dirija-se á rua do Carmo, 26—Faro.

**Mil e quinhentos BONETS**

CHEGARAM A'  
**CASA PORTUGAL**

**Oficina de barro ordinário**

e em vidro e tudo o que diz respeito á sua arte,  
de Manuel Francisco dos Santos (em frente da Carreira do tiro)  
— FARO —

**José Gonçalves Lopes**

**Oficina de Marcenaria**

Mobilias em todos os estilos  
Fazem-se urnas para revenda  
Compram-se moveis usados  
Rua do Alportel, 14 a 22 — FARO

**SOCIEDADE DE MADEIRAS, LIMITADA**

— FARO —  
Madeiras nacionaes e estrangeiras  
aos melhores preços do mercado  
TRAVESSA DA MISERICORDIA, 11

Papel de cartas alta fantasia: avulso muito barato

**Livraria Internacional**  
(JUNTO AO CHIADO)

*The*  
**GENERAL TIRE**

Representantes:

**Cabeçadas & Santos, Lda.**  
**FARO**

**Silva Mealha**  
Medico-Cirurgião

Ex-Interno dos hospitaes de Lisboa  
Director do Dispensario anti-tuberculoso

Consultas no dispensario das 12 ás 13

**Clinica geral e operações**  
CONSULTORIO:  
Praça D. Francisco Gomes 19  
MORADA:

Rua Filipe Alistão, 21  
— FARO —

**Vieira Branco & Teles, L. da**

Ferragens, drogas, papelaria  
tubagem e torneiras em todos  
os diametros

LARGO DA PALMEIRA  
**FARO**

**"A IDEIA REPUBLICANA"**

Vende-se em FARO na livraria de A. S. Capela, Rua D. Francisco Gomes, 40 e em OLHÃO na sucursal da mesma livraria, Rua do Comercio, 38, agente de todos os jornaes, excepto do «Diario de Noticias».

Recebem-se assinaturas e anuncios para este semanário.

**Livraria e Papelaria SILVA**

Artigos de escritório,  
: desenho e pintura :

Enorme sortido de calcomanias

Representante das casas :

**KODAK, PATHÉ e AGFA**

Revistas e jornaes nacionaes  
e estrangeiros

Rua D. Francisco Gomes — FARO

**Grande futuro**

TERRENO para construção vende-se 1000 metros na avenida 5 de Outubro com 32 metros de frente para a avenida, 32 metros para a rua Camilo Castelo Branco e 32 metros com fiert para o jardim do sr. Manuel José Nobre.

Para tratar, rua Francisco Barreto, 25.

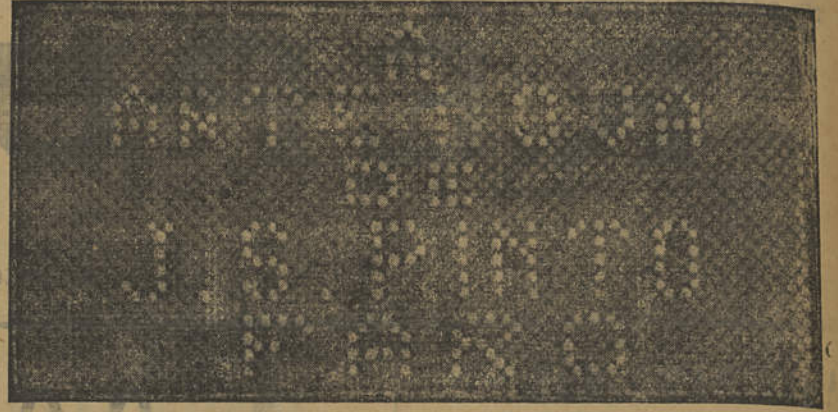
**Vende-se**

UM PREDIO com moradia, grande quintal e garage, aguas encanadas, cisterna e dois amplos armazens. Boa construção recente, na estrada de S. Braz. Tratar na rua Conselheiro Bivar, n.º 59 — FARO.



Representantes:  
**Cabeçadas & Santos, Lda.**  
**FARO**

**CAPACHOS E COLCHÕES**



Preços sem competencia. | Descontos aos revendedores

**OFICINA DE CANTEIRO E MARMORE**

DE Manuel Rodrigues Palaré

CASA FUNDADA EM 1912

Execução de quaisquer obras concernentes a esta arte, tais como : jazigos, campas, letras em todos os tipos, marmores polidos, etc. Tambem se encarrega de cantarias para obras e trabalhos em grosso para pontes, nóras, lagedos, etc.

Trabalho garantido. — Preços sem competencia

RUA CUNHA MATOS — FARO

**Marques, Vaz Velho & Caiado, Lda**

**Agentes de Navegação**

Carreiras regulares de vapôres para todos os portos do mundo

Telegramas ORAF

Telefones n.º 14

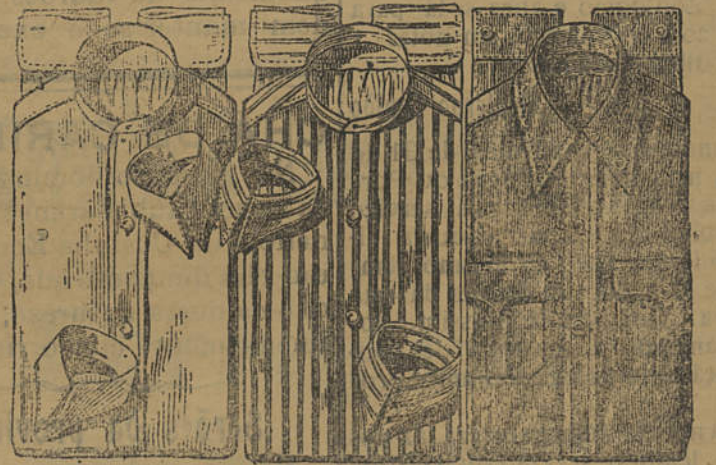
Representantes dos srs.

E. Pinto Bastos & C.ª Lda

Marcus & Harting, Lda, etc.

**Enxovais em 24 horas**

Produção (média) 4 camisas por hora (Fabricação mecanica)



Gravataria e artigos de toilette para homem  
malas e meias para senhora

Telefone n.º

**MARIO VICENTE ROQUE**

**CASA PORTUGAL**

— FARO —

Pedir amostras pelo correio ou telefone.

**Manuel Dias Sancho**

**Casa Bancaria**

Rua D. Francisco Gomes — FARO

**Todas as operações bancarias**

**Secção Maritima :**

Rua de Santo Antonio, 11 e 13

**Agentes de varias companhias de navegação com carreiras regulares para todos os portos do NORTE DA EUROPA, LEVANTE, AFRICA, etc.**

**Cabaz das Fructas**

DE **JOÃO SOTA**

Rua Tenente Valadim — FARO

Esmerado serviço de restaurant

Fructas temporãs e serodias

Vinhos, licôres e champagnes das mais acreditadas

—:— malcas —:—

Figo flôr do Algarve em ceitas de tôdos

—:— os tamanhos, proprias para brindes —:—

Representante da afamada marca de manteigas

: : : « MADRIGAL » : : :